

MARIA, A PERGUNTADEIRA

Ilan Brenman

Resenha

A menina Maria era claramente portadora do dom mais característico dos membros da família Mladénov: o chamado “dom P”, capaz de produzir um desejo irresistível de fazer perguntas. Diz-se que as perguntas inquietas dos Mladénov, oriundos da Bulgária, país eslavo que faz fronteira com a Grécia, estariam por trás de algumas das formulações mais fundamentais dos primeiros pensadores da filosofia oriental, incluindo Tales de Mileto, passando pelo enigmático Heráclito e desembocando no obstinado Sócrates, ele mesmo um grande perguntador. O dom de fazer perguntas, porém, teria dado origem também a eventos menos nobres: diz-se que outro Mladénov teria inspirado Tomás de Torquemada, o mais terrível dos inquisidores espanhóis, a desenvolver um método para interrogar e reconhecer judeus que fingiam ser cristãos para escapar da perseguição religiosa,



© Verónica Scarpelli



Coordenação:
Maria José Nóbrega

os chamados cristãos-novos. Séculos depois, porém, nos anos 1930, a avó de Maria empregaria seu dom de fazer perguntas para proteger Avrum, seu amigo judeu, no período que antecedeu a Segunda Guerra mundial – que acabaria por fazer com que também a família Mladénov precisasse emigrar para o Brasil. Nos anos 1960, em plena ditadura militar brasileira, as perguntas feitas pela jovem Svetlana a um general culminariam na prisão temporária de seu irmão Ivan.

Para escrever *Maria, a perguntadeira*, Ilan Brenman inspirou-se em suas longas conversas com os familiares de sua esposa, nascida na Bulgária. No decorrer do livro, o leitor se depara com diversos termos da língua búlgara, escritos em itálico, e aprende um pouco a respeito de uma cultura bastante diferente da nossa. Somos convidados a refletir sobre a natureza das migrações, responsáveis não apenas pelo trânsito de pessoas, mas também pelo fluxo de ideias: muito embora frases e conceitos possam ser atribuídos a autores de uma determinada nacionalidade, eles muitas vezes emergem de um caldo de ideias (e de perguntas) mais complexo, com contribuições de pensadores

anônimos de origens diversas. A obra nos lembra ainda que, se por um lado a habilidade de fazer perguntas tornou possível o desenvolvimento da arte e da filosofia, ela também se conecta a outra história mais sombria: a história da xenofobia, da perseguição política e da dificuldade em aceitar aqueles que pensam diferente.

Depoimento

De Luciana Alvarez,
jornalista e mãe

Maria, a perguntadeira é uma história com várias histórias dentro. Logo nas primeiras páginas de leitura ao lado da minha filha, perguntei se ela tinha notado que o texto tinha cores e tamanhos diferentes. Acostumada a livros que “brincam” com as fontes, logo ela concluiu que a parte em tom vermelho era a avó quem falava. É uma forma de marcar a separação dos dois narradores: um narrador que conta sobre um jantar em família, e a avó, que toma o lugar desse narrador para contar as histórias familiares.





As famílias costumam contar e recontar acontecimentos envolvendo seus antepassados; em casa também temos as nossas. Mas nada que vá tão longe! As histórias familiares dos Mladénovs fizeram passear por milhares de anos da história da humanidade. Um passeio também visual, pois viajamos por cenários antigos e atuais, que se alternaram e se misturaram nas ilustrações.

A respeito da parte mais recente da história – Segunda Guerra Mundial e ditadura militar no Brasil – minha filha já tinha ouvido falar. As referências a períodos mais antigos foram absoluta novidade para ela.

Foram muitas informações novas de diversos tipos. Ela nunca tinha ouvido falar da Bulgária – recorreremos a um pequeno globo que temos em casa, que nos ajuda a localizar as histórias de outros lugares do mundo. Conforme fomos avançando pelas páginas, ela também teve a oportunidade de ouvir pela primeira vez sobre Tales de Mileto, Heráclito e Sócrates. Até mesmo a Inquisição minha filha não conhecia pelo nome, embora já tivesse ouvido falar de uma época em que a Igreja Católica mandava queimar “bruxas”. Isso sem contar as palavras e os pratos búlgaros, que foram novidade até para mim.

Ela se divertiu ao aprender que existe uma cidade chamada Sófia, nome parecido ao de sua melhor amiga. O que eu mais gostei de aprender foi o ditado “as perguntas unem as pessoas, as respostas desunem”. Nunca tínhamos ouvido falar. Minha filha não entendeu o significado e me perguntou o que queria dizer. Expliquei minha visão, de que as grandes dúvidas da humanidade são universais: de onde viemos e para onde vamos? Só que cada um encontra uma resposta diferente – alguns nunca encontram. Além de nos separarmos em grupos de acordo com as respostas, alguns ainda querem impor suas respostas aos demais. Mas, se ela ou outra pessoa interpretarem de forma diferente, prometo não criar divisões.

O livro abre oportunidades para falar com os filhos sobre inúmeros assuntos. Um deles é se há limites para questionamentos. Outro ponto é sobre a importância de ouvir os mais velhos e o momento em que as crianças precisam confiar nos mais velhos e obedecer-lhes. Também dá para falar sobre religiões, sobre discriminação, sobre o que podemos ou não podemos fazer por dinheiro.

Eu, jornalista como a tia Svetlana, acredito no poder de perguntar e acabei levantando questões

sobre esse ponto. Será que fazer perguntas é um dom? Perguntei para minha filha se ela achava que sua mãe já tinha nascido *perguntadeira* como Maria. Ela não soube dizer. Contei que era tímida demais para sair perguntando coisas a estranhos. Porém, ainda que não tenha nascido com esse dom, fui desenvolvendo essa habilidade. Então, aproveitei para ir contando também um pouquinho da minha história.



Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP e já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados no Brasil (além de vários no exterior), entre eles *Até as princesas soltam pum* (Editora Moderna, 2023), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam o selo de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira

de Bolonha, na Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.ilan.com.br.



Leia Mais...

Do mesmo autor e série

- ✦ *A ciranda de lágrimas*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A colecionadora de pedras*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A dobradura do samurai*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Depois do foram felizes para sempre*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Mamãe é um lobo!* São Paulo: Moderna.
- ✦ *O mistério de Daniel*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O nariz da Cris*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O pó do crescimento*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O que cabe num livro?* São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *Migrando*, de Mariana Chiesa Mateos. São Paulo: Editora 34.
- ✦ *Transplante de menina*, de Tatiana Belinky. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Eloísa e os bichos*, de Jairo Buitrago. São Paulo: Pulo do Gato.
- ✦ *Caminho de pedras*, de Margriet Ruurs. São Paulo: Moderna.

